

UM “ARTIGO-MATERIAL DIDÁTICO” PARA FAZER-VER- ESCUTAR TEATRO COM CRIANÇAS PEQUENAS

Taís Ferreira¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

32

DOI 10.21680/2595-4024.2023v6n1ID34279

Resumo: Apresentamos um “artigo-material didático” que, através de ideias para um percurso em teatro com crianças pequenas, mapeia possibilidades que poderão ser indutoras para práticas pedagógicas conduzidas por educadoras na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Não pretendemos a prescrição, mas um “ideário aberto” de saberes e fazeres que instiguem as experiências sensoriais e estéticas com crianças. As propostas aqui apresentadas foram elaboradas no âmbito do Projeto Hanna, que contempla ações de extensão universitária em pedagogias das artes cênicas com educadoras e crianças desde 2020.

Palavras-chave: Teatro, Crianças, Material Didático, Educadoras.

¹ Professora de Teatro na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pesquisadora e atriz. Graduada em Artes Cênicas (Bacharelado em Interpretação Teatral) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002), mestre em Educação pelo PPGEduc (linha Estudos Culturais em Educação) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005) e doutora pelo Dottorato Arti Visive, Performative, Mediali da Università di Bologna e pelo PPGAC da Universidade Federal da Bahia (2013-2017). Atuou anteriormente como docente nas seguintes universidades: UFPel, UCS e UFSM. Tem experiência no campo das artes, na área de teatro e seu trabalho como professora e pesquisadora enfatiza os seguintes temas: pedagogias das artes cênicas, formação de pedagogas, formação de professores/as de teatro, recepção cênica, artes da cena e infâncias e história do teatro. Tem três livros publicados pela Coleção Educação Arte da Editora Mediação, voltados para a formação de pedagogas e professoras da educação básica, além de capítulos e organizações de diversos livros. É autora de artigos nas áreas supracitadas e de um livro de contos para crianças. Mãe solo de uma menina.

Abstract: We present a “paper-didactic material” that, through ideas for a journey in theater with young children, maps possibilities that may be inductors for pedagogical practices conducted by educators in Early Childhood Education and in the Initial Years of Elementary School. We do not intend to prescribe, but an “open ideology” of knowledge and actions that instigate sensory and aesthetic experiences with children. The proposals presented here were elaborated within the scope of the Hanna Project, which includes university extension actions in performing arts pedagogies with educators and children since 2020.

Key-words: Theater, Children, Didactic Material, Educators.

Para além e aquém de um artigo acadêmico, propomos aqui um “artigo-material didático” que, através de ideias para um percurso em teatro com crianças pequenas, mapeia possibilidades que poderão ser indutoras para práticas pedagógicas conduzidas por pedagogas, educadoras e professoras de teatro na Educação Infantil (EI) e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (EF). Não pretendemos a prescrição, mas um “ideário aberto” de saberes e fazeres que instiguem as experiências sensoriais e estéticas com crianças.

Apresentamos o Projeto Hanna², que foi formulado para contemplar uma série de experiências presenciais em artes cênicas (teatro, dança, contação de histórias, performance, etc) com crianças, suas professoras, cuidadoras e famílias. Devido às mudanças radicais que vivenciamos desde o início da pandemia da Covid-19 no Brasil e no mundo, e buscando atender às restrições de convívio social indicadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e às demandas da EI e dos anos iniciais do EF (levantadas através de questionários com professoras em

² Todos os conteúdos produzidos pelo Projeto Hanna e as ações atuais estão disponíveis em: <https://www.ufrgs.br/projetohanna/> (acesso em: 22 nov. 2022) ou no Instagram @projetohannaufrgs.

exercício nas redes pública e privada de ensino), trouxemos a público ao longo do ano de 2020 um projeto de extensão que teve como objetivo alcançar as crianças com a história de uma cachorra muito especial chamada Hanna. Composto de uma apresentação, 5 episódios criados cada um a partir de uma proposta estética e de um fechamento, compartilhamos ainda com as professoras ideias práticas de atividades lúdicas e ações artísticas que puderam ser levadas às crianças e suas famílias no momento de Ensino Remoto Emergencial (ERE) e que podem se adequar sem problemas às atividades letivas presenciais.

O Projeto Hanna em 2020 foi composto de sete módulos. Em cada um deles foram disponibilizados: A) um vídeo curto (de 1 a 5 minutos de duração) contando alguma passagem da história de Hanna, a partir de elementos estéticos diferentes em cada episódio e focando no desenvolvimento sensível e na investigação pessoal e coletiva dos sentidos (audição, olfato, paladar, tato, visão); B) um podcast (de 5 a 15 minutos de duração) gravado pela professora e coordenadora do projeto Taís Ferreira, comentando as proposições estéticas apresentadas no vídeo e as possibilidades de desdobramentos delas no trabalho em arte e educação com as crianças; e C) material didático escrito (em formato pdf) contendo propostas de sequências didáticas, atividades e ações em artes cênicas a serem realizadas com as crianças e mediadas pelas professoras (no material escrito também constarão referências adicionais e links com conteúdos de apoio, além de sugestões de leituras e audiovisual sobre as noções abordadas).

Assim, a ideia central do projeto de extensão é alcançar tanto as crianças, através de propostas cênicas singelas e lúdicas (registradas em vídeo, nas casas das bolsistas³ e da coordenadora, conforme orientações da UFRGS desde março

³ No ano de 2020, a equipe do Projeto Hanna (Prorext UFRGS) foi composta pela coordenadora e pelas bolsistas Laura Bernardes (Licenciatura em Dança), Laura Mallmann (Licenciatura em Teatro) e Verônica Becker (Licenciatura em Teatro). As três bolsistas são co-criadoras do material audiovisual apresentado.

de 2020), como propiciar às professoras material de apoio e formação continuada em pedagogias das artes cênicas com crianças.

Lembremos que, ao falarmos de crianças da educação infantil e suas professoras, as atividades propostas caberiam como mantenedoras dos vínculos afetivos entre escola, adultos e crianças: a brincadeira livre e as experiências cotidianas são as que devem prevalecer sempre nos processos de ensino e aprendizagem com bebês e crianças bem pequenas. No entanto, julgamos que muitas das atividades elaboradas, de caráter lúdico e sensorial, poderiam vir a ser instigantes não só para as crianças dos anos iniciais do EF como para os pequenos dos últimos dois anos da EI.

Hanna e a obra: proposta de sequência didática

Neste artigo apresentaremos a sequência didática que propusemos juntamente com o vídeo do Episódio 1, que foi intitulado “Hanna na Obra”. No vídeo, o local onde Hanna (quando uma cachorra de rua) vivia foi contextualizado através de uma cena curta de teatro de sombras e de paisagem sonora. Assim, as atividades seguirão três focos: A) a audição e as paisagens sonoras, B) a invenção de histórias, cenários e personagens através das sonoridades e C) o teatro de sombras e suas possibilidades cênicas.



Figura 1: Imagem de cena do vídeo Hanna na Obra

Fonte: Acervo pessoal

O material está organizado em uma sequência didática, que pode ter sua ordem seguida pelas educadoras, ou subvertida. Cada atividade também pode ser desenvolvida individualmente e livremente adaptada. Esse material pode ser utilizado como cada educadora achar mais produtivo e instigante na relação com as crianças. Ele não é um manual prescritivo e sim um espaço de ideias para auxiliar e inspirar o trabalho docente.

1. Escuta de si e do ambiente

Antes de assistir ao vídeo do Episódio 1 – Hanna na obra, proponha que as crianças deitem ou sentem em um lugar confortável, fechem os olhos e busquem escutar todos os sons que reconhecerem, o mais longe possível de si (fora da casa, na rua, no prédio, no jardim, no ambiente externo) e os guardem na memória. “Espichar” os ouvidos para escutar até os sons mais baixinhos, que estão mais afastados, longe longe delas. Peça para que narrem o que escutaram (essa

narrativa pode ser gravada em um áudio ou pode ser anotada pelos pais ou mesmo ser registrada através de um desenho da criança). Depois, peça para que elas repitam o mesmo exercício de escuta, mas dessa vez buscando identificar os sons mais próximos a elas, aqueles que estão mais pertinho e até mesmo dentro de seus corpos! O som da barriga, dos órgãos internos em funcionamento, da pulsação do coração, do intestino trabalhando. O som da respiração. Pergunte a elas se esses sons são fortes ou são fracos, são longos ou curtos, se são ritmados, se poderiam ser uma música. Mais uma vez estimule as crianças a narrarem sua experiência de escuta atenta de si e do ambiente.

2. Escutar o áudio do Episódio 1 – Hanna na obra

Sem que as imagens do vídeo sejam mostradas, coloque para que as crianças escutem somente o áudio do vídeo (a paisagem sonora que está disponível em arquivo no canal do Youtube projeto⁴). Nesse áudio elas vão escutar música instrumental (violão), pequenos trechos narrados e uma paisagem sonora que (re)constrói o episódio inicial da vida da nossa heroína Hanna. Solicite às crianças que escutem atentamente os sons apresentados e que imaginem o que está acontecendo, quem são os personagens envolvidos, que sons elas reconhecem e que cenários identificam a partir desses sons. Coloque mais algumas vezes a paisagem sonora para que as crianças a escutem quantas vezes elas quiserem e elaborem suas próprias imagens/visualizações.

3. Narrar uma história a partir da paisagem sonora

⁴ Link para a paisagem sonora: <https://www.youtube.com/watch?v=M0-gvWTKSM>. Acesso em: 22 nov. 2022.

A partir do que escutaram e de suas impressões, solicite que criem e contem uma história com os personagens, os lugares e as situações que lhes vieram à mente (que imaginaram, portanto!) a partir destas sonoridades. Para as crianças um pouco maiores é possível indicar que a história tenha um começo, um meio e um fim determinados. Essa história pode ser gravada em um áudio, para posteriormente ser compartilhada entre os colegas e as famílias. Se realizada em sala de aula, as histórias podem ser partilhadas em uma roda de conversa entre professora e crianças. É importante considerar como cada um de nós, expostos aos mesmos estímulos, pode ter percepções diversas e criar diferentes imagens a partir daquilo que escutamos. Essa é uma reflexão preciosa para começarmos a pensar sobre formação de espectadores/as: cada sujeito tem uma relação diferente com um mesmo objeto artístico, que vai depender do seu “baú de experiências anteriores” e de muitos outros atravessamentos e condições de recepção.

4. Assistir, finalmente, ao vídeo completo com sons e imagens

Proponha, então, que as crianças assistam ao Episódio 1 – Hanna na obra⁵, completo. Permita que elas o façam quantas vezes quiserem e estimule uma conversa posterior. Essa conversa não precisa se seguir imediatamente depois das crianças terem assistido ao episódio, pode acontecer em outro momento propício em que a criança demonstrar desejo de falar sobre o vídeo. Mas caso elas conversem com os adultos (família ou professora) neste momento logo após a assistência (ou mesmo durante), estimulem o diálogo. O tempo do espectador precisa ser respeitado, já que os sentidos e significados excedem e antecedem o momento exato em que estamos em relação com alguma obra. Permita também

⁵ Link para Episódio 1 – Hanna na Obra: <https://www.youtube.com/watch?v=-5rzzfPx1h8>. Acesso em: 22 nov. 2022.

que as crianças assistam aos vídeos, que são curtos, mais de uma vez, caso o desejarem.



Figura 2: Cena do Episódio 1 – Hanna na obra.

Fonte: Acervo pessoal.

Propostas de perguntas a serem lançadas às crianças:

- As imagens do vídeo têm relação com o que vocês imaginaram ao escutar somente os sons?
- A história que vocês narraram a partir dos sons tem a ver com as imagens do vídeo?
- Agora, depois de assistir às imagens junto com os sons (vídeo completo), vocês modificariam a história que inventaram antes? Ou vocês mudariam o vídeo?
- Como será que as imagens dos vídeos foram feitas, vocês têm ideia?
- Quem são os personagens que aparecem nas sombras? E os objetos? Com quem Hanna interage?
- Por que será que Hanna estava naquele lugar? Que lugar era esse? Vocês acham que ela estava em mais de um lugar/cenário ao longo do vídeo?

Essas são apenas ideias de questões que podem ser indutoras de conversas instigantes sobre o vídeo e sobre a Hanna: invente as suas perguntas, deixe as crianças contarem o que quiserem e também perguntar. Geralmente perguntas são mais interessantes que respostas!

5. Criar uma paisagem sonora com seus corpos e/ou com objetos de uso cotidiano (onde?)

Desafie as crianças a inventar um lugar somente com sons. Individualmente ou com participação dos pais, irmãos e outros moradores da casa, como uma tarefa coletiva, e em grupos de 3 ou 4 crianças, se for realizado em sala de aula. Peça que escolham um ambiente, ou seja, um cenário, um ONDE que vão criar somente a partir de sons. Esses sons podem ser produzidos com seus corpos e a percussão deles, com suas vozes, com objetos simples de uso cotidiano (panelas, potes e recipientes vazios, colheres, tubos, embalagens usadas e limpas, pedras, gravetos, plásticos, papéis, etc). Se o jogo for feito em casa, elas poderão gravar essa paisagem sonora que produzirem (com o gravador de som de um celular, por exemplo), o importante é que quem escute reconheça qual o ONDE em questão. Esse áudio pode ser compartilhado entre as crianças e pode haver o momento em que, escutando, cada colega, a partir do que está ouvindo, adivinhe qual o cenário sugerido pelos sons. Se as crianças estiverem em grupos, na sala de aula, podem ensaiar e executar ao vivo sua paisagem sonora para os demais colegas e professores, que deverão assistir sentados de costas e de olhos fechados, sem ver o que o grupo que está apresentando está fazendo, em uma primeira vez. Na segunda apresentação eles podem ver a execução e aí entender como cada som foi produzido. Viola Spolin (2003, 2012), em seus jogos teatrais, propõe esse jogo detalhadamente, em mais de uma versão nos exercícios de “onde?”.

6. Construir uma caixa de teatro de sombras

Neste momento a proposta é a confecção de uma caixa de teatro de sombras. Há diversos tutoriais simples na plataforma de vídeos Youtube ensinando a construir sua própria caixa de sombras com materiais acessíveis (papelão, fita adesiva, cola branca, papel), o que facilmente as crianças maiores farão (com o auxílio de um adulto, familiares ou educadoras). Na sala de aula, poderá haver uma caixa para uso coletivo (construída também com a colaboração de toda a turma), ficando a cargo das crianças a produção dos personagens. Compartilhamos a sugestão de dois vídeos tutoriais, que são vinculados a projetos que valem a pena ser conhecidos pelas professoras: Estéfi Machado (*Blog da Estéfi*) é uma artista que trabalha com papel e recicláveis (*craft*), criando estruturas simples e lúdicas, brinquedos, jogos, etc⁶. *Canto do Macagafos* é um belo projeto de contação de histórias, literatura para crianças, parlendas e trava-línguas, todos materiais disponíveis com acessibilidade (audiodescrição, libras, etc)⁷. Nos dois projetos há tutoriais para construção de teatro de sombras (um com caixa de papelão e bonecos de papel e outro com objetos e tecidos).

Há muitos outros sítios na internet com indicações de como construir uma caixa de teatro de sombras ou executá-la com tecidos e/ou lençóis velhos: manuais ilustrados, vídeos, fotos, etc. Faça uma busca e escolha aquele que lhe parecer mais adequado. Os jogos corporais com sombras projetadas em tecidos de grandes dimensões também são muito divertidos e trazem muitas noções do aprendizado teatral.

⁶ Tutorial para construção de teatro de sombras do Blog da Estéfi: https://www.youtube.com/watch?v=atf_b-hlFsE&t=6s. Acesso em: 22 nov. 2022.

⁷ Tutorial para construção de teatro de sombras do Canto dos Macagafos: <https://www.youtube.com/watch?v=YYOOGJotm-l>. Acesso em: 22 nov. 2022.

7. Criar seus personagens imaginários (quem?)

Dando sequência, após a construção das caixas de sombras ou estruturas para sombras, sugira às crianças que imaginem seus personagens a partir da paisagem sonora que criaram anteriormente: quem poderia estar ali naquele cenário/lugar? Por exemplo: se a paisagem sonora era o fundo do mar, quem poderiam ser os personagens? Peixes, tubarões, baleias, polvos, conchas, algas, estrelas do mar, sereias? Netuno? Iemanjá? Pescadores? Mergulhadores? Monstros? Bichos que não existem (ou melhor, só existem na imaginação!)? As possibilidades são infinitas, estimule as crianças a desenhar em um papel escuro (pode-se pintar de preto qualquer papel de gramatura mais alta), recortando nas bordas do desenho e colando-o num palito ou graveto. As imagens abaixo mostram as silhuetas em palitos produzidas pela bolsista Laura Mallmann para contar a história da Hanna no vídeo do Episódio 1. Permita que cada criança invente, desenhe e recorte mais de um personagem, para que se possam assim criar situações variadas nos jogos seguintes.



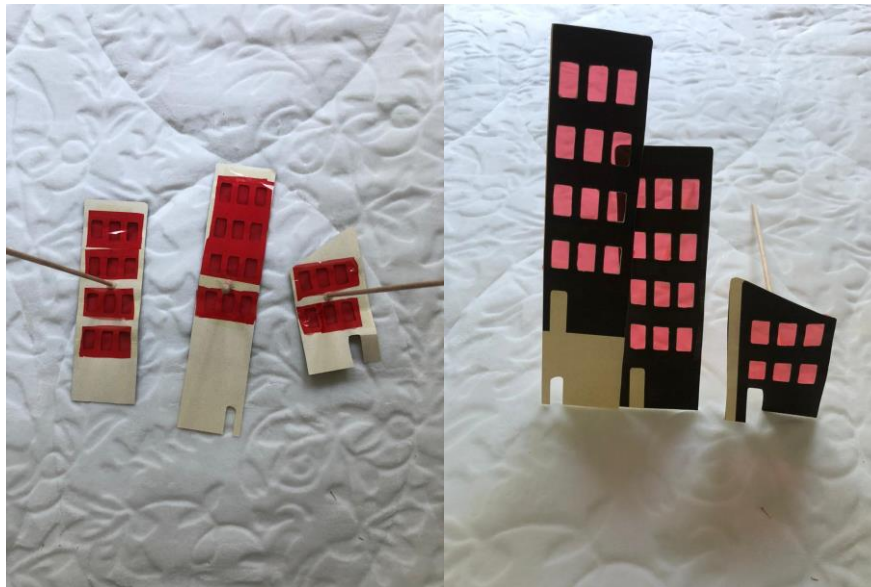


Figura 3: Silhuetas confeccionadas para o Episódio 1 – Hanna na obra.

Fonte: Acervo pessoal.

Dando prosseguimento à atividade, criar uma voz e uma história para os personagens é fundamental!

- Como ele/ela fala? Alto, baixo, devagar, rápido, estridente, macio? Como é a sua voz? Gostosa ou chata de ouvir? Esse personagem é mandão, chorão, briguento, afável, manhoso, medroso, simpático, tímido, etc?
- Onde ele/ela vive? O que gosta de fazer? Ele ou ela tem uma profissão? O que come? Como brinca? Quem são seus amigos? Tem inimigos? E assim por diante.

Com a caixa ou a estrutura de sombras (um tecido ou papel branco e um foco de luz atrás) e os bonecos (silhuetas coladas em palitos ou suspensas por fios) prontos, é importante que as crianças brinquem com seus bonecos, com a caixa e com as sombras. Outra possibilidade é fornecer papéis celofane coloridos para que sirvam de filtros de cores para o foco de luz, criando diferentes ambientes e atmosferas. A professora deve estimular que experimentem diversas

possibilidades de distanciamento (na relação entre foco de luz e tela), de velocidade da manipulação, efeitos de proximidade e de entradas e saídas, entre outros. Enfim, que joguem com as possibilidades de luz e sombra, de cores e de dimensões.

8. Show de talentos das sombras

Uma das propostas pode ser que cada um dos personagens se apresente para os demais (crianças manipulam seus personagens e dão vida a eles a partir de suas vozes) ou (tornando mais complexo e, possivelmente, mais divertido!) um “show de talentos” em que cada personagem-boneco demonstre as suas habilidades (cantar, dançar, fazer malabares, piruetas, desenhar, cozinhar, contar piadas, etc). Essa apresentação pode ser gravada em um vídeo e compartilhada com os colegas ou realizada em sala de aula. É importante que, independente do produto (apresentação ou vídeo), as crianças sejam estimuladas a brincar com a caixa e os personagens, testando possibilidades diversas. Essa apresentação mais formalizada pode ser proposta ou não pela professora, dependendo também do desejo das crianças. Ainda que estimular a relação palco-plateia seja relevante para o ensino de artes cênicas (aprendemos a ser espectadores também assistindo aos colegas!), o simples jogo com os bonecos, suas vozes, os movimentos e os efeitos visuais produzidos pelas sombras já vale por si só como uma experiência sensorial, criativa e colaborativa.

9. Inventar uma história com os personagens e a paisagem sonora (o quê?)

Esse fechamento pode ser instigante para crianças um pouco mais velhas, onde os exercícios de escuta e produção sonora — tanto da paisagem sonora (onde) quanto das vozes dos personagens (quem) — podem se unir na criação de

uma história (fábula, situação, conflito: o quê?). História essa que pode envolver narração e/ou diálogos entre os personagens, que pode acontecer tendo como pano de fundo a paisagem sonora inventada e executada pelas crianças, que pode também extrapolar tudo isso e criar situações inusitadas ao reunir os diferentes personagens criados pelas crianças. O interessante é que, de alguma forma, todos os elementos e noções desenvolvidos nas atividades anteriores possam ser retomados e experimentados livremente, mas dessa vez em grupos pequenos: como trabalhar com o outro na contação de uma história? Esse é o objetivo nesse momento.

Esse encadeamento das atividades, a retomada de elementos desenvolvidos em situações de ensino-aprendizagem anteriores e o espaço-tempo para experimentação e investigação livres das crianças (não fazamos dessas propostas somente mais um “dever a ser cumprido”, mais um “trabalhinho a ser realizado”!) é de extrema relevância para que relações de percepção sensorial, imaginação e potencialidade criativa sejam desenvolvidas! Brincar é o que deve estar no centro da preocupação de famílias e professoras com essas propostas: aprender, nesse caso, é consequência de brincar e experimentar com materialidades visuais, sonoras e mundos simbólicos múltiplos!

O fechamento das atividades pode se dar a partir de uma “mostra de processo” com os materiais criados pelas crianças. Ou seja, promover uma mostra em que as diversas etapas (paisagem sonora, personagens, narração de histórias, sombras, etc.) desenvolvidas ao longo do processo criativo (individual e coletivo) venham à público, sendo compartilhadas entre as famílias e/ou com outras turmas da escola, por exemplo. Não necessariamente precisamos promover uma apresentação final da peça de teatro de sombras. Contudo, se o desejo das crianças, ao criarem uma história envolvendo todos os elementos, é apresentá-la ao público, este pode ser o “grand finale”! Por quê não?

Indicações para a formação continuada das educadoras e pedagogas

As dicas de leitura básica para educadoras e pedagogas são dois livros essenciais ao campo das artes cênicas e da educação, ambos escritos pela estadunidense Viola Spolin e traduzidos no Brasil pela arte-educadora Ingrid Dormien Koudela, intitulados *Improvisação para o teatro* (SPOLIN, 2003) e *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin* (SPOLIN, 2012). De modo acessível e didático, ela criou um sistema de jogos e improvisações baseado em um tripé de elementos (onde? quem? o quê?) componentes da linguagem teatral. O foco dos jogos está na fisicalização (tornar físico), na imaginação, na resolução dos problemas em cena, na improvisação e na relação palco-plateia. Recomendo fortemente a qualquer professora interessada em desenvolver atividades em artes cênicas com seus estudantes, de qualquer nível e idade, incluindo aquelas que trabalham com crianças pequenas.

Já como leituras para aprofundamento nos temas desenvolvidos na sequência didática, sugere-se uma edição especial da *Móin-Móin: Revista de estudos sobre teatro de formas animadas*, dedicada ao teatro de sombras (MÓIN-MÓIN, 2012) e um artigo recente e completo discutindo o conceito de paisagem sonora, publicado na *Revista Música Hodie* (ARAGÃO, 2019). São duas reconhecidas revistas acadêmicas, das áreas de teatro e de música, respectivamente. Os artigos podem ser acessados nos links disponíveis abaixo.

Essas indicações de leituras e de material complementar fazem parte do modo de organização a partir do qual elaboramos os materiais didáticos componentes do Projeto Hanna. Mesmo que não seja usual em um artigo que indicações de leitura apareçam desta forma direta e comentada, optamos por mantê-las no corpo deste texto entendendo que poderão ser úteis às educadoras, pedagogas e professoras que acessarem este material e não forem oriundas diretamente da área do teatro.

Considerações finais deste “artigo-material didático”

Encaminhando o artigo ao seu fechamento, cumpre notar que essas variações que podemos construir a partir de simples fantoches ou palitoches, que podem depois gerar uma história contada pelo teatro de sombras, mobilizam uma série de articulações vinculadas às possibilidades de expressividades sonora e vocal das crianças. Toda essa expressão sonora e vocal é dotada de performatividade: estamos performando quando conversamos, estamos performando quando falamos algo para alguém (pública ou privadamente). O que quero dizer com isso? Toda a vez que dizemos algo, o que for dito vai ter uma consequência, ter uma reação em quem está nos escutando. E essa relação da intensidade e da intenção de como nós estamos falando demonstra que na comunicação a palavra e o discurso não são só “o quê”, mas principalmente “como”.

A performatividade está fortemente relacionada aos exercícios e às práticas vinculadas às artes cênicas e é muito relevante que as crianças pequenas compreendam, aos poucos, que “como” uma palavra é dita (a altura, o tom, a intensidade, a tessitura vocal) provoca reações nos outros, é constitutivo das nossas relações com o mundo e com os outros, está mediando nossos modos de ser e estar no mundo. Bem como é importante que elas percebam que suas ações e gestos também são dotados de performatividade: atingem as outras pessoas e criam elos de comunicação e de troca de sentidos.

Portanto, uma brincadeira com personagens, com teatro de sombras, com paisagem sonora, jogos vinculados ao nosso cotidiano, podem ser singelos e simples nas suas materialidades, entretanto, nos abrem um leque enorme de possibilidades de mundos simbólicos a serem construídos e de relações complexas a serem tecidas com o outro, com o ambiente e conosco mesmos. As crianças com elas mesmas; as crianças com o outro companheiro de classe, o

outro professor, o outro adulto, o outro animal; as crianças e o ambiente que as cerca.

Para encerrar esse “artigo-material didático”, eu gostaria de ressaltar mais uma vez que em todo o trabalho com visualidades (nesta sequência didática o teatro de sombras) é muito importante que as crianças possam experimentar, brincar muito com a caixa ou com a estrutura de sombras, com seus personagens e os elementos de luz, sombra, cores e formas: que elas experimentem, experimentem muito, livremente, o tanto que elas quiserem e que a organização pedagógica da professora permitir.

A formalização de uma apresentação final, ou de uma pequena esquete pode vir a acontecer a partir de um desejo das crianças, mas ela não é necessária. O que nos interessa aqui são os processos. Os processos de criação, os processos de expressão, os processos de investigação: é o desenvolvimento desse espírito investigativo e de pesquisa através das ferramentas e através das materialidades da arte. É isso que nós estamos propondo nesta sequência didática e que coaduna com o campo das pedagogias das artes cênicas e da educação contemporânea.

Retomo, portanto, o lúdico como central no desenvolvimento dessas atividades propostas na sequência. O que nos interessa é que as crianças possam brincar e que as atividades não sejam necessariamente atividades impostas, obrigatórias e que gerem mais demandas: instigue o desejo das crianças de tomarem parte voluntariamente nas propostas.

Por fim, reiteramos nosso objetivo de lançar ideias que possam gerar brincadeiras, que essas brincadeiras possam gerar prazer, que esse prazer possa gerar experimentação, que essa experimentação possa gerar um passeio dessas crianças pelos diversos campos do saber/fazer (incluindo aí as artes) que estão ligados a ser, a estar e a viver nesse mundo contemporâneo.

Referências

ARAGÃO, Thaís A. Paisagem sonora como conceito: tudo ou nada? Revista Música Hodie, Goiânia, v. 19, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/53417>. Acesso em: 24 nov. 2022.

MÓIN-MÓIN. Revista de estudos sobre teatro de formas animadas. Teatro de Sombras. Florianópolis: UDESC, v. 9, 2012. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/ceart/id_cpmenu/2645/revista_moin_moin_9_1500_2283191377_2645.pdf. Acesso em: 24 nov. 2022.

SPOLIN, Viola. Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin. São Paulo, Perspectiva: 2012.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. São Paulo, Perspectiva: 2003.